

ISABEL ALLENDE

A NINFA DE PORCELANA

Um conto para colorir

ILUSTRAÇÕES DE ANA DE LIMA

A ninfa de porcelana

Isabel Allende

Publicado em Portugal por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária - Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

La Ninfa de Porcelana

© 1983, 2017, Isabel Allende, pelo texto

© 2017, Ana Nuñez de Lima, pelas ilustrações

Tradução: Ângela Barroqueiro

1.ª edição: junho de 2017

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 425963/17
ISBN 978-972-0-03005-4

Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.



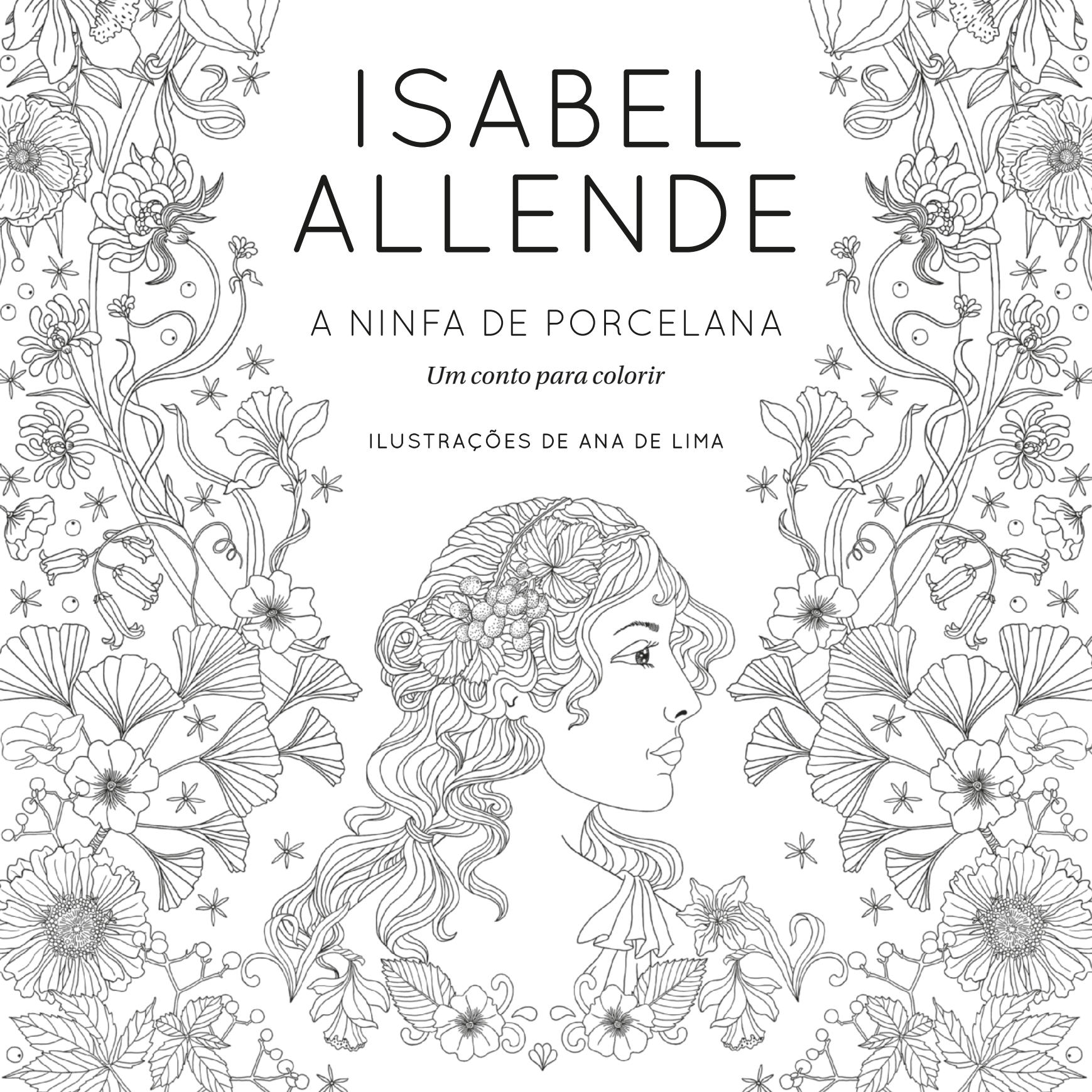
A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

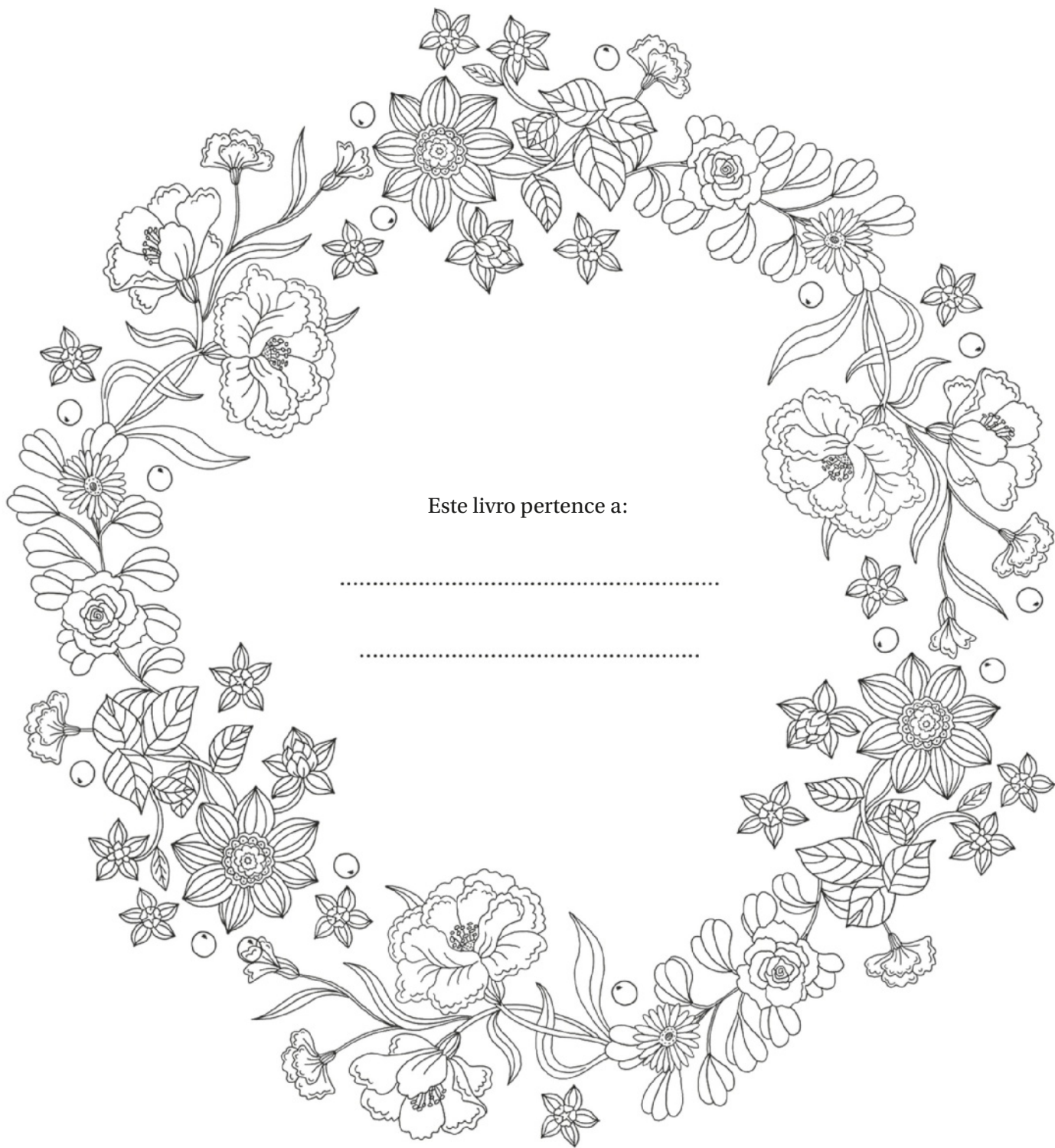
ISABEL ALLENDE

A NINFA DE PORCELANA

Um conto para colorir

ILUSTRAÇÕES DE ANA DE LIMA

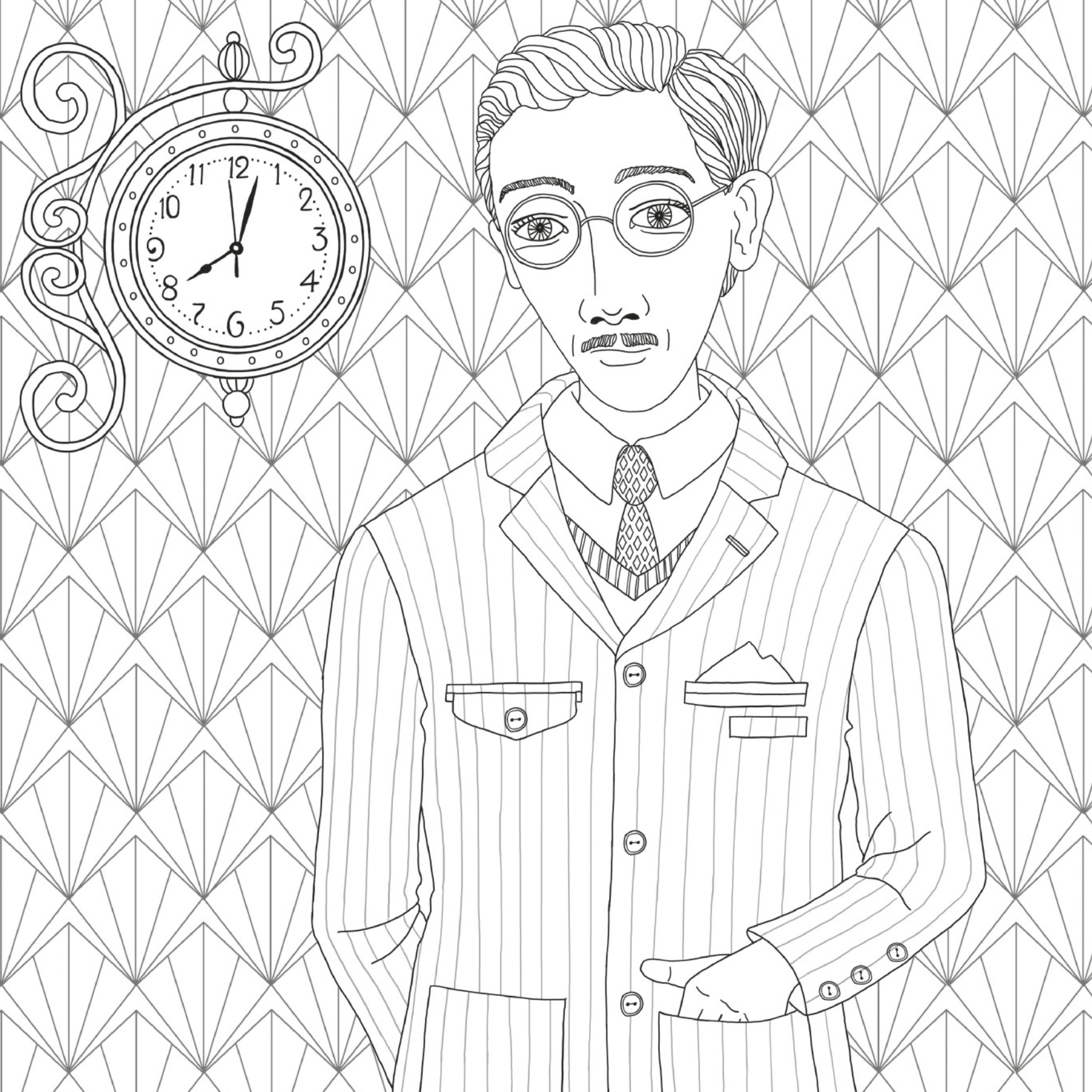





Este livro pertence a:

.....

.....



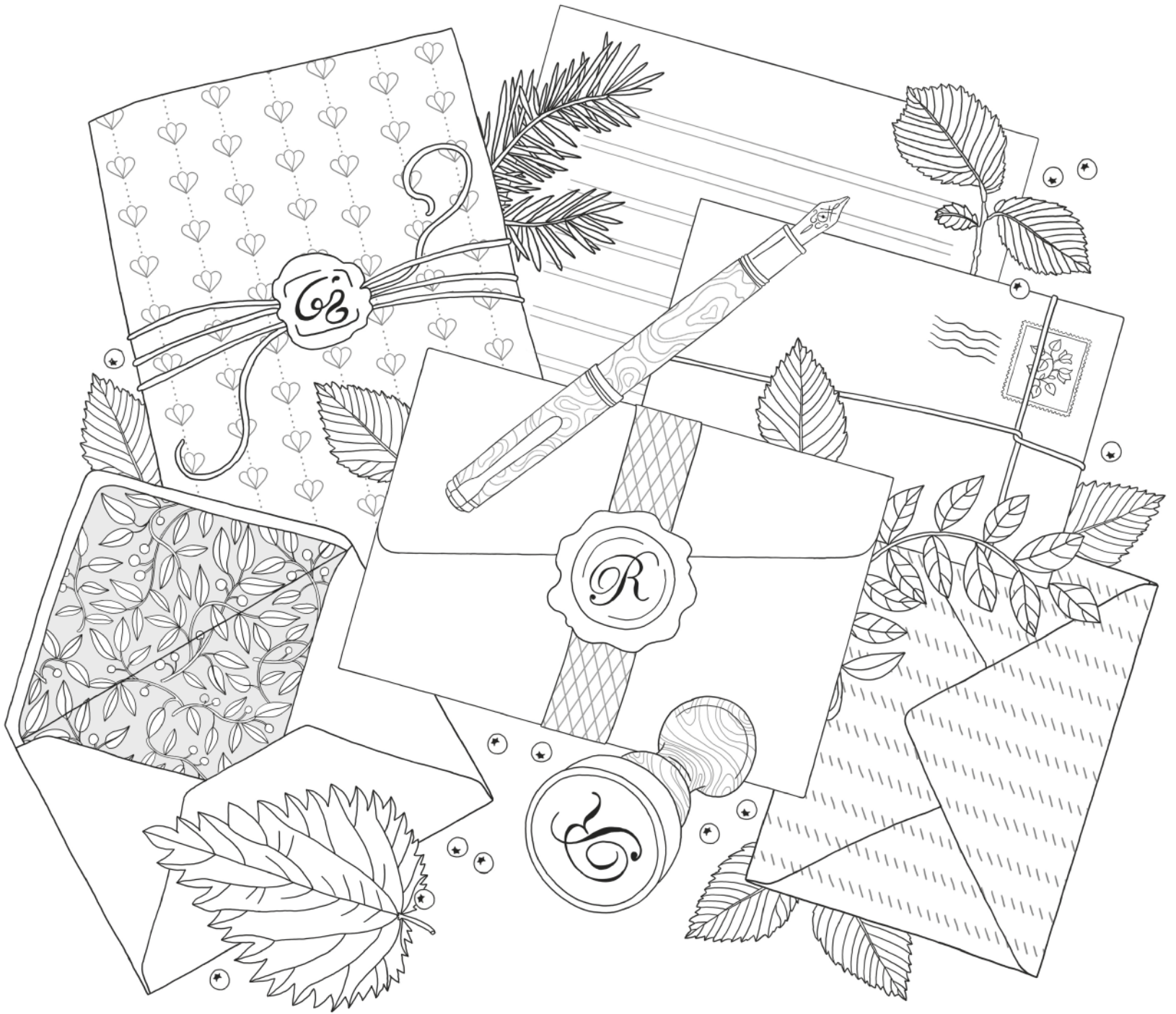


Don Cornelio ocupou sempre um lugar especial no meu coração. Quando o conheci era um senhor míope, vestido com um fato cinzento com catorze bolsos. Vivia numa pensão do meu bairro e nós, os seus vizinhos, acertávamos os relógios quando o víamos passar de manhã. Nunca se adiantava nem se atrasava.

Saía às oito horas e três minutos em ponto, começava a andar em direção à esquina contando os passos e aí apanhava o autocarro para o trabalho. Encontrávamo-nos muitas vezes na rua e assim ficámos amigos. Ele deu-me autorização para contar a sua história e posso fazê-lo sem medo de me enganar, porque a ouvi da boca dele.

O meu amigo trabalhava num lugar tenebroso, uma sala empoeirada com uma única janela, que há muitos anos não era aberta, cheia de papéis importantes que ninguém lia. Era um cartório notarial. Passava ali o dia a escrever com a sua bonita caligrafia uns papéis que eram arquivados para sempre.





No meio dos móveis metálicos e dos armários vetustos viviam comunidades inteiras de ratos. Don Cornelio não tinha nada pessoal contra eles, pelo contrário, até gostava deles, mas cumpria a ordem do seu chefe, o senhor notário, de os eliminar. Era uma guerra desagradável com veneno e ratoeiras. A sua primeira função ao chegar ao cartório notarial era esquadrihar o campo de batalha. De gatas percorria os cantos e, quando encontrava um pequeno cadáver, deitava-o no lixo com um suspiro de tristeza.



